

O QUE OS OLHOS NÃO VEEM O CORAÇÃO NÃO SENTE? ENTENDENDO A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA ATRAVÉS DE NARRATIVAS COM MULHERES.

Indiara Rockffeller de Lima Moreira (indyrockffeller@hotmail.com)

Aluno de graduação do curso de Psicologia.

Danielle Guss Andrade (danielleguss@hotmail.com)

Professora da FAACZ

RESUMO

Em 1990, a violência contra a mulher foi reconhecida como um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Constantemente, a Violência Psicológica vem se apresentando como “Porta de entrada” para violências físicas, que podem levar ao feminicídio. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2022 foram registradas cerca de 24.382 boletins de ocorrência relacionados a violência psicológica no Brasil. A Violência Psicológica é silenciosa e passa muitas vezes despercebida, este fenômeno também é um dispositivo patriarcal para continuar funcionando a engrenagem discriminatória e excludente para com as mulheres, por isso nesse projeto buscamos compreender através da escuta de narrativas com mulheres, que passaram por situações de Violência Doméstica, e assim podermos refletir acerca do fenômeno da violência psicológica contra a mulher, para tal, ouvimos o relato de 02 mulheres que estiveram em um relacionamento abusivo, utilizando da cartografia para acompanhar as narrativas e analisamos os dados apoiados em literaturas que ponderam sobre o ciclo de violência doméstica no Brasil. Ao final do projeto pudemos evidenciar diversas semelhanças com relação aos mecanismos utilizados pelos homens para perpetração da violência doméstica.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Psicológica, Violência de Gênero, Violência Doméstica, Narrativas.

1 – INTRODUÇÃO

Em 1990, a violência contra a mulher foi reconhecida como um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que considera tal ação um obstáculo para o desenvolvimento socioeconômico e uma violação dos direitos humanos. A lei 11.340 de 2006 conhecida como Lei Maria da Penha, traz que existem diversos tipos de violência contra a mulher, sendo: física, sexual, patrimonial, moral e psicológica.

Neste estudo trataremos especificamente do campo da violência psicológica contra a mulher em relacionamentos íntimos. Sendo essa, conceituada como:

“causar dano emocional à mulher”, de modo “que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões,” podendo esse dano ser alcançado “mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação.” (BRASIL, 2021, s/p).

Por se tratar da subjetividade de cada um, e dado seu caráter estrutural social, e formas com que é praticada a violência psicológica é muitas vezes invalidada e negligenciada pela própria mulher, e essa, tende a suportar em silêncio e por longos períodos esse tipo de violência. Pesquisas tem demonstrado que mulheres em situação de violência conjugal buscam diversas alternativas para superar sua situação¹, porém elas só passam a buscar por ajuda de suas redes de apoio internas ou externas após exposições a violências físicas.

¹ OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2013. P. 136

Comportamento como esses podem ter consequências graves para a saúde mental e física de mulheres, e sua percepção não deve ser alcançada apenas pela visão das vítimas, é necessário considerar entender como o sistema patriarcal estrutural, pode ser promotor de desigualdade de direitos entre gêneros.

2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A violência psicológica, muitas vezes, parece silenciada, não vista ou até mesmo pomenorizada. Estudos feitos por Silva (2005) mostram que a violência doméstica se refere aquela que perpassam dentro dos relacionamentos afetivos. Podem se constituir tanto em relações que o vínculo está mantido quanto aquelas em que o vínculo se rompeu. Dentre as modalidades de violência, é a violência psicológica, a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante frequente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio. (Brasil, 2001).

Nesta perspectiva, é imprescindível compreendermos os processos de subjetivação² aos quais às mulheres são forçadas. No Brasil, o processo de colonização territorial deixa marcas também em nossa subjetividade, pois trouxe consigo, condições opostas da existência: bem x mal, certo x errado. Criamos os Marcadores Sociais das Diferenças, como nos aponta Schwarcz (2019). Os marcadores sociais são invenções no que dizem respeito as diferenças entre gêneros, raças, religiões, classes, geração, etnia, onde grupos que são privilegiados em detrimento de outros. Trazendo para nossa pesquisa, entendemos que a violência é perpassada por este lugar colonizador.

3 – METODOLOGIA

O estudo foi realizado através de entrevistas semiestruturadas individuais com mulheres do estado do Espírito Santo, no formato online, via plataforma Microsoft Teams, que receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistadas se disponibilizaram espontaneamente para colaborar. Nenhuma das entrevistadas será exposta, todos os nomes e idades foram mudados.

Para acompanhar as narrativas, fizemos uso da cartografia³, para Suely Rolnik, “o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago.” (2011, p. 23). A cartografia é um fino atentar-se às transformações, ao desmanchar de certos mundos, que se dá no acompanhar de processos em contínuo em movimento.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O INÍCIO E O EXCESSO DE AFETO

Em análises das duas entrevistas percebemos diversas semelhanças com relação aos mecanismos utilizados pelos homens para perpetração da violência doméstica, algumas delas, é o fato de que no início existe uma demonstração exagerada de afeto:

“No outro dia ele me mandou um monte de mensagens, e flores para o meu trabalho junto com um cartão dizendo que eu era linda, e que ele queria muito continuar saindo comigo”⁴

“(…) quando ele me deixou em casa ele me mandou um texto enorme me dizendo que amou sair comigo, cheio de corações. (...) do nada ele apareceu com uma caixa de bombons e uma rosa no fórum, e só tínhamos saído 2 vezes.”

² Processos de subjetivação é um conceito trazido por Guattari, F. (1992). Heterogênesse. In: Caosmose: Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34. Conceito que será ampliado à medida que o projeto avance.

³ A cartografia é um método de pesquisa descrito por Deleuze e Guattari na obra Mil Platôs publicado em 1980. A ideia vem da geografia como cartografar um território e que aqui conversa com territórios existenciais.

⁴ Vamos expor alguns relatos sem identificação para preservar as escutas.

E ainda uma pequena perseguição para que a vítima não tenha espaço para questionar o que está se passando.

“(…) a partir do nosso primeiro encontro era como se ele me exigisse atenção sempre (…)
eu senti que desde então ele me mandava mensagens dizendo: o que você está fazendo?
E se eu demorasse a responder ele meio que se vitimizava.”

“(…) ele me mandou várias mensagens e eu respondi dizendo que não queria me envolver
no momento, então ele passou a me seguir, ia na escola em que trabalhava.”

4.2 DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA A VIOLÊNCIA FÍSICA

De acordo com Lucena Et. Al. 2016. O ciclo da violência inicia-se de uma forma lenta e silenciosa, que progride em intensidade e consequências. Atualmente o nome ciclo de violência está sendo substituído por espiral da violência, pois esse não gira sempre igual e sim vai aumentando. Inicialmente o agressor renuncia a agressões físicas, mas passa a privar a liberdade da vítima, a impedindo de formar laços sociais e afastando assim essa mulher de sua rede de apoio, como família, amigos e muitas vezes de seus empregos, tudo isso disfarçado de cuidado e afeto. Como citado nesse trecho da entrevista:

“(…) Ele começou a pedir para eu não ir para o Inglês para poder ficar com ele porque
ele estava muito triste e eu comecei a faltar o inglês.

*Ele dizia que mandava em mim, macho. Machismo. Controle. Eu pensava que era
ciuminho. Prova de amor. Parei a vida. Até ver que meu mundo era ele. O dele era
também os outros. Só ele podia. Mudei rotas refiz. Juntei corpo. Segui sozinha⁵.*

“(…) Quando eu encontrava com minhas amigas, ele me dizia que elas eram “sapatão” e
queriam me roubar dele, interesseiras, má influência... todos os meus amigos tinham
algum defeito, e eu era perfeita por isso não podia andar com eles”.

De acordo com Lucena et. al. 2016 antes de agredi-la fisicamente o agressor importuna a mulher com o intuito de baixar a autoestima da vítima para que, depois, ela tolere as agressões físicas. Portanto, a violência psicológica em geral precede à física.

“(…) ele me disse que eu era uma folgada (…)
cada dia que ele bebia ele me diminuía mais, me humilhava (…)
ele me dizia que eu era idiota, pobretona, e me expulsou de casa”

A mulher vítima da agressão tende a aceitar, justificar as atitudes do agressor e protelar a exposição de suas angústias até a situação se tornar insustentável⁶. A partir de então a violência física passa a fazer parte do relacionamento, e pelo fato de a mulher ser percebida socialmente como inferior, ou uma figura passiva, o homem nega a violência, culpabilizando a vítima pelo ato sofrido, o que faz com que a vítima carregada de culpa, aceite o perdão do agressor ou que muitas vezes peça perdão.

“(…) depois de me jogar um prato de comida quente na cara ele arrombou a porta do
quarto e entrou chorando pedindo perdão, (…), disse que não era a intenção dele fazer
isso, que eu deixei ele nervoso”

*pratos despedaçados. Corpo em partes. Nada juntava. Caminho torto.
Voltava. Pedia perdão. Recomeços.*

(…) brigamos e ele foi para um bar bebeu muito, e bateu de carro, ele me ligou do hospital
dizendo que a culpa era minha, a mãe dele também me culpou.

⁵ Cartografia produzida pelas pesquisadoras a partir dos relatos.

⁶ Lucena et. al. 2010; p. 34.

Depois dessa culpabilização e dos pedidos de perdão vem a fase que os pesquisadores nomearam “Lua de mel” (Figura 1), em que o agressor faz promessas de mudança, a vítima acreditando nas promessas passa a justificar as agressões e idealizar um parceiro.

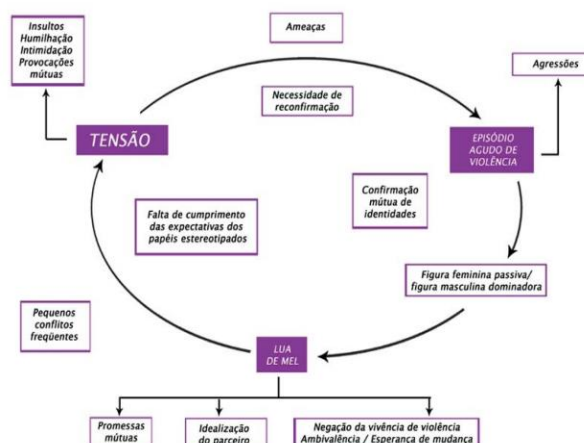


Figura 1: Ciclo da violência doméstica contra a mulher.

Neste ponto a vítima já está sem rede de apoio, algumas vezes já desempregada e, portanto, dependente do agressor, e ainda atendendo as pressões sociais e religiosas, a vítima passa a se perceber sem saída a não ser resolver a situação, para manter o relacionamento.

4.3 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA

Em relação às consequências da violência na vida e saúde das mulheres, temos que:

A violência impacta significativamente a saúde física, mental e social das mulheres por ela vitimizadas. Problemas como hipertensão arterial, doenças cardíacas, transtornos da ansiedade, distúrbios do sono e alimentação, depressão, stress, acidente vascular encefálico, paralisia facial, comprometimento da sexualidade. (Guedes et al, 2009 p. 63)

Os impactos futuros de violências psicológica contra a mulher ainda é um campo pouco estudado, evidenciado pela ausência de estudos comprobatório, sugerimos como um ponto focal para estudos futuros.

Corroborando com Guedes, as entrevistadas externam as consequências da violência sofrida e como isso influencia até hoje em suas vidas.

“Me vejo uma mulher remendada há muitas questões que preciso tratar e sei que é só o tempo, eu ainda estou quebrada. Hoje eu sou uma mulher, Amedrontada? Remendada? (choro) Eu não merecia ter passado por aquilo! (choro). Eu sou forte sabe? mas é duro! É duro você estar só, é difícil você reconstruir, fazer planos porque as coisas que você ouviu ficam martelando na sua cabeça, as vezes eu estou estudando e do nada vem aquela vozinha dizendo: você não vai conseguir nunca, é uma luta diária”.

Quanto à variável escolaridade, estudos realizados por Lima (2011), que traçou o perfil de mulheres que sofreram com a violência doméstica, evidenciaram níveis mais baixos de escolaridade (34%). Outra pesquisa apontou que 52,6% das mulheres vítimas de violência doméstica, não concluiu o ensino fundamental. Para Adeodato (2005), os dados de Violência Doméstica Contra a Mulher que envolvem mulheres de maior poder aquisitivo e com melhor escolaridade pode estar subnotificados pela tendência de ocultar o fenômeno nesse estrato social. Nossa entrevista condiz com Adeodato no sentido de que ambas as entrevistadas são brancas, possui ensino superior completo e nenhuma das duas apresentou denúncia a

nenhum dos órgãos de proteção a mulher, uma delas alegou vergonha, e a segunda informou que a mãe dela orientou a não denunciar para evitar “escândalos”.

3.4 A NEGLIGÊNCIA DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Segundo os relatos obtidos através da entrevista com mulheres que passaram pela Violência doméstica, as ofensas constantes e humilhações excessivas foram tão graves (ou mais) quanto as físicas, pois essas abalam a autoestima, a confiança em si mesma, e deixam marcas que enfrentam até a atualidade.

“(…) a parte psicológica foi a que mais me deixou marcas, usei oito tipos de medicamentos psiquiátricos, hoje uso dois, fiquei internada numa clínica porque tentei tirar minha vida”

Se observarmos as campanhas de prevenção ou repúdio a violência Doméstica, vamos observar a existência franca de imagens de mulheres machucadas fisicamente, o que é um forte indicativo de que só é violência quando machuca. Fatos como esse corroboram com a opinião de que a Violência psicológica tem sido negligenciada, pelos mecanismos de proteção a mulher. Silva, et. al, 2007 traz que:

A violência doméstica psicológica como uma categoria de violência que é negligenciada. Esta afirmação tem como base dois pilares. O primeiro refere-se ao que é denunciado nas manchetes dos jornais, que destacam a violência doméstica somente quando está se manifesta de forma aguda, (...) outro mito, apresentado reiteradamente pela mídia, é o de que a violência urbana é superior à violência doméstica. (p.98)

É importante destacar que a violência psicológica não afeta somente a vítima de forma direta. Ela atinge a todos que presenciam ou convivem com a situação de violência, inclusive os filhos. Por isso, este tipo de violência deve ser analisado como um grave problema de saúde pública e, precisa ser discussão e ampliado para a prevenção e criação de políticas públicas específicas para o seu enfrentamento.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados demonstram a relevância de problematização dos discursos não embasados que são articulados durante nossa vida, frases como: “Ela não separa porque gosta de apanhar”, ou “em briga de marido e mulher não se mete a colher” estão carregadas de um patriarcado ensinado socialmente, e são problemáticas porque ultrapassam um discurso, forjando subjetividades.

Além disso foi evidenciado que a forma estrutural como o Gênero está posto, coloca a mulher em posição de vulnerabilidade. Quando nasce uma mulher há um código de comportamento esperado de acordo com o gênero, desde o nascimento essa mulher é colocada em papéis de cuidado, a ela cabe se manter magra, falar baixo, ou seja, estar na vitrine, disponível, o que dá ao homem uma ideia de posse, essa diferença deve ser entendida enquanto um campo através do qual o poder se articula, e essa articulação de poder está diretamente relacionada a violência doméstica sofrida pela mulher. Levar em consideração esses aspectos é importante por isso, convidamos os profissionais que trabalham com essas mulheres a buscar o letramento de gênero, além de elaborar novas produções científicas acadêmicas, para ampliar assim a base de dados disponível contra a violência doméstica.

Nesta pesquisa não ampliamos as discussões que envolvem raça e classe, sabemos que estes são também marcadores sociais que demarcam lugares, inferiorizando uns e ampliando outros.

6 – REFERÊNCIAS

1. ADEODATO G.V, ET AL. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. Rev Saúde Pública. 2005.

2. BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/ lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm) 4.
3. BRASIL. Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/ L14188.htm#art4
4. D'Oliveira A. F. P. L. SCHRAIBER L. B. Romper com a violência contra a mulher: como lidar desde a perspectiva do campo da saúde. *Athenea Digital*. 2008;(14):229-36.
5. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 08/08/2023.
6. GUEDES, R. N, SILVA, A. T. M. C, FONSECA, R. M. G. S. A violência de gênero e processo saúde-doença das mulheres. *Rev Enferm Esc Anna Nery*. 2009.
7. LIMA G. Q, WERLANG B. S. G. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicol Estud*. 2011.
8. LUCENA D. T. ET AL. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Hum Growth Dev*. 2016; 26(2): 139-146.
9. OMS. Organização Mundial de Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde. La unidad de salud de la mujer de la OMS (WHD). Violencia contra la mujer: un tema de salud prioritario. Ginebra, 1998. (Sexta Sesión Plenaria, 25 de mayo de 1996. Junio 1998 - A 49-vr-6).
10. ONU. Organização das Nações Unidas. Resolução da Assembléia das Nações Unidas. Local: 1985.
11. POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo. *Corporificação e afetabilidade. Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 323-338, Maio/Ago. 2013.
12. SILVA, L.L. ET AL. Violência silenciosa: como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007.
13. ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
14. SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 273p.